



URBANIZAÇÃO E RISCOS AMBIENTAIS: UM ESTUDO SOBRE O LOTEAMENTO SANTO ANTÔNIO, NAZARÉ – BA.

Ivana Santos Nascimento Ribeiro

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Estudante de Licenciatura em Geografia

E-mail: ivanasantos20@hotmail.com

Jariane de Oliveira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Estudante de Licenciatura em Geografia

Jari.santos@hotmail.com

Miguel Cerqueira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Professor Pesquisador do Grupo Recôncavo

migcerq@yahoo.com.br

RESUMO:

O desenvolvimento deste trabalho aconteceu mediante as diferentes etapas de pesquisa motivadas pelo curso de graduação em Geografia da UNEB Campus V/Santo Antônio de Jesus/BA. O objetivo da pesquisa é compreender o processo da urbanização na cidade de Nazaré, em especial no Loteamento Santo Antônio, destacando os diferentes riscos ambientais manifestado no local, decorrente das atividades humanas. Os procedimentos metodológicos aconteceram a partir das leituras de autores clássicos e contemporâneos que escrevem sobre a temática, levantamento de dados em sites de órgãos institucionais e realização do trabalho de campo, com entrevistas e diálogos com os residentes. Os resultados preliminares deste estudo apontam para a ausência de medidas efetivas, por parte do poder público, para resolução dos problemas encontrados, onde desencadeiam riscos ambientais que poderiam ser evitados.

PALAVRAS – CHAVE: Urbanização; Infraestrutura; Riscos ambientais; Condições de vida.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve preocupação, por parte de alguns estudiosos, com a qualidade de vida nas cidades, visto que o adensamento populacional, sem um planejamento urbano adequado, tem gerado uma série de problemas que afligem parcelas da sociedade. A urbanização desestruturada vem se caracterizando como um dos principais problemas, para a maioria das cidades brasileiras. A falta de planejamento e estrutura para comportar as



populações de menor poder aquisitivo, implica em riscos ambientais nomeadamente nas ocupações em encostas, escarpas e demais áreas impróprias para moradia. Tal situação colabora também para o aumento do índice dos riscos sociais, que englobam a saúde coletiva, saneamento básico, moradia, alimentação e educação, fatores que estão frequentemente ausentes ou ineficientes para maioria da população.

Existe um desafio a ser enfrentado no sentido de minimizar ou extinguir os possíveis riscos ambientais que possam vir a acontecer, em decorrência da produção do espaço em locais inadequados para moradia. O objetivo da pesquisa é compreender o processo da urbanização na cidade de Nazaré, em especial no Loteamento Santo Antônio, destacando os diferentes riscos ambientais encontrados, em decorrência das atividades humanas.

A ocupação do Loteamento Santo Antônio em Nazaré-BA, em partes, se deu em terrenos de declividade acentuada, sem infraestrutura e sob a rede de alta tensão. Os moradores de média e baixa renda se apropriaram do lugar através da compra de terrenos e ocupações irregulares, edificando suas casas em um espaço que pode levar a situações de riscos ambientais. Numa abordagem de geografia urbana, a justificativa desta pesquisa visa contribuir para complementação e aprofundamento do tema, apresentando os principais problemas e elencando as possíveis alternativas para melhoria das condições de vida. Os resultados deste estudo apontam para a ausência de medidas efetivas, por parte do poder público, sobre os problemas existentes no Loteamento Santo Antônio.

DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A ANÁLISE DO TEMA

De acordo com Santos (2004), a maneira como o território baiano foi ocupado favoreceu para concentração de serviços e de infraestruturas em determinados lugares e restringiu a melhoria da qualidade de vida de grande parcela da sociedade. No Recôncavo Baiano, a urbanização se deu a partir da intensa migração do campo para cidade, por conta da falta de emprego e condições de vida no meio rural. Esse processo ocasionou na ocupação irregular de bairros sem a mínima infraestrutura, na maioria das cidades da região.



Na análise sobre os riscos Santos (2015) destaca que

A forma dicotômica como o processo de urbanização vem ocorrendo coloca em situação de vulnerabilidade centena de famílias, que, por não acessar uma política de habilitação adequada, acabam por ocupar as áreas de encosta, com inclinação bastante acentuada, ocasionando sérios riscos ambientais. (pag. 35, 2015).

Pelo desejo da casa própria, as famílias de baixa renda ocupam espaços que são considerados impróprios para moradia, pois acabam sendo locais com preços acessíveis, com ausência de infraestrutura básica de qualidade, o que acaba comprometendo as condição de vida.

As discussões sobre riscos são amplas, pois, podem ou não estar relacionados a causas naturais. Veyret(2007) afirma que “o risco, objeto social, define-se como a percepção do perigo, da catástrofe possível” (p.11). Para o autor, o risco é uma ameaça, perigo que um determinado indivíduo está sujeito a sofrer. Segundo Veyret (2007, p. 63), os riscos ambientais “resultam da associação entre os riscos naturais e os riscos decorrentes de processos naturais agravados pela atividade humana e pela ocupação do território.” Essa percepção de risco pode ser observada no Loteamento Santo Antônio, pois a área ocupada é de declividade acentuada, onde parte da vegetação foi retirada, deixando o solo exposto à erosão que por consequência pode causar deslizamento de terra e desmoronamento das casas, configurando-se como um risco ambiental.

Como uma alternativa de promover um planejamento urbano adequado, a Lei Federal 10.257, de 10 de julho de 2001, que trata do Estatuto da Cidade, deixa claro a preocupação em harmonizar os fatores sociais, urbanos, econômicos e ambientais, garantindo assim o direito a urbanização sustentável. A Lei Federal 10.257, “estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como o equilíbrio ambiental”. Vale salientar, que esse instrumento legal oferece apenas suporte teórico, ou seja, as diretrizes básicas, a prefeitura, deve estar disposta a disponibilizar recursos para criar um dispositivo necessário para um planejamento urbano adequado.



Na maioria das prefeituras, os gestores costumam adotar medidas corretivas, e isso só ameniza, pois trata-se de um instrumento a curto prazo. Torna-se necessário a adoção de medidas preventivas, pois, um estudo sobre as potencialidades do território e prevenção dos riscos da cidade contribui para um melhor modelo de urbanização, organizando a cidade, prevenindo o crescimento urbano e garantindo qualidade de vida aos seus munícipes. Nesta perspectiva, vem a importância da discussão sobre os principais riscos, com o intuito de preveni-los.

A forma como processo de urbanização ocorreu nas cidades brasileiras colaborou para situações de vulnerabilidade, principalmente quando uma população se estabelece em áreas irregulares. Estes problemas não estão restritos apenas a cidades grandes, podendo estar presentes em áreas de cidades de médio e pequeno porte, como se pode observar em Nazaré-BA, precisamente no Loteamento Santo Antônio, antigo nome, atualmente Rua Professora Carmen Justino, no bairro do Batatan.

A cidade de Nazaré, localizada no Recôncavo Baiano, iniciou seu processo de formação territorial as margens do rio Jaguaripe. Segundo o IBGE (1958), por volta de 1563 iniciou-se o povoamento da região da bacia do rio Jaguaripe, por colonizadores portugueses. Fernão Cabral de Ataíde, ao explorar essas terras, se instalou no território onde atualmente é o município de Nazaré. A partir daí, iniciou-se a formação de engenhos, pequenas aldeias, povoados, que com o passar do tempo foi crescendo, resultando no município de Nazaré. O município possui 29.409 habitantes segundo o IBGE/SEI (2010).

Segundo Santos, (2015) Nazaré, Santo Amaro, Cachoeira, Jaguaripe e Salvador contribuíram no processo de formação do território baiano e brasileiro, pois, tinham uma grande importância devido às atividades portuárias, administrativas e industriais que exerciam, sendo consideradas cidades pioneiras no processo de ocupação territorial do país, durante o processo de colonização.

O rio Jaguaripe, que passa pela cidade de Nazaré, possuía uma grande importância para a economia do Recôncavo Baiano, sendo considerada a principal rota de transporte de



mercadorias a serem comercializadas entre as cidades do estado da Bahia. Hoje, infelizmente, este rio se encontra em estado crítico, no trecho em que passa pela cidade de Nazaré, devido ao assoreamento e a contaminação de suas águas, por conta dos dejetos domésticos que são despejados diretamente nele. Isso pode ser considerado também uma das consequências de um processo de urbanização que ocorreu sem um planejamento urbano adequado.

Segundo Zorzo (2001), a cidade de Nazaré-BA passou a se desenvolver mais rapidamente com a chegada da ferrovia, que fazia também o transporte de mercadorias e de pessoas para as demais cidades do estado. Porém, com a desativação das ferrovias na maioria das cidades brasileiras, por conta da valorização da rodovia e do mercado automobilístico, Nazaré foi perdendo sua importância no âmbito regional. Segundo o autor, apesar da cidade possuir no passado uma grande importância para o Recôncavo, e também para Bahia, não houve um aproveitamento desse potencial por parte do poder público para solucionar problemas urbanos.

Mapa 1: Mapa de localização do Município de Nazaré/BA





Fonte: Ivana Ribeiro, com base no IBGE, 2010

Segundo Silva (2014) o município recebeu o nome “Nazaré das Farinhas”, por se tratar de um grande produtor da farinha de mandioca no passado. Essa farinha produzida até os dias atuais é considerada fina e de boa qualidade. A Estação Ferroviária Alexandre Bittencourt possibilitava, na época, a interligação com diversos municípios, proporcionando a comercialização da farinha, sendo Nazaré um dos importantes pólos distribuidor do Recôncavo Baiano. Além disso, por conta da forte influência do período colonial, a cidade possui diversos prédios arquitetônicos como a Igreja Matriz, Sobrado dos Arcos, o Solar dos Sampaio e o cinema Rio Branco, o mais antigo cinema da América Latina.

A cidade de Nazaré ainda possui atuação cultural no Recôncavo, principalmente pela Feira de Caxixis, que é uma exposição de cerâmica a céu aberto, bastante popular, onde os oleiros (oriundos de Maragogipinho-Ba) e artesãos expõem e vendem suas diversas artes. De acordo com o Blog Nazaré Notícias (2006), a feira é realizada todos os anos na cidade de Nazaré, durante a Semana Santa. Não se sabe ao certo como e quando começou a tradição da Feira de Caxixis, porém especula-se que vem acontecendo há mais de 300 anos. Além de manter uma herança cultural, Nazaré ganha um acréscimo financeiro bastante significativo durante a Feira, pois esse evento contribui significativamente para o fortalecimento da econômica local, dos comércios e serviços durante este período.

Na análise de outros dados referentes à cidade de Nazaré, de acordo com o IBGE (2010), aproximadamente 7000 moradias na cidade são beneficiadas com abastecimento de água, porém, o esgotamento sanitário é inexistente. O que existe na cidade é uma coleta de esgoto que é direcionada para o rio Jaguaripe. A falta de um sistema adequado de saneamento básico acarreta em inúmeros prejuízos para o meio ambiente a médio e longo prazo para a população, já que algumas pessoas utilizam a pesca como subsistência.

A população de baixa renda é levada pelo sonho da casa própria, pelo desejo de ter uma moradia e não mede os riscos que podem acontecer ao habitar áreas menos valorizadas, como por exemplo, as encostas. Essa situação afeta diretamente nas condições de vida dessa



população. Na cidade de Nazaré, a situação não é diferente, pois os elevados preços dos terrenos e das casas nos bairros mais estruturados levam a população aos locais sem a mínima estrutura, colocando essas pessoas numa situação de vulnerabilidade. Daí a seguinte reflexão:

“A vulnerabilidade se mede pela estimativa dos danos potenciais que podem afetar um alvo, tal como o patrimônio construído ou a população. Ela concerne, portanto às perdas possíveis e permite, por exemplo, exprimir a capacidade de resistência das construções diante do fenômeno físico ou de processos como explosão ou incêndio na esfera industrial (VEYRET, PAG. 39, 2007).

A cidade de Nazaré apresenta alguns bairros sem infraestrutura adequada para atender as necessidades básicas da população, dentre eles, o Batatan. A carência de planejamento urbano e políticas públicas expõem os moradores não só a riscos ambientais, mas também sociais.

O atual modelo de desenvolvimento econômico reflete sobre o meio urbano, o que gera espaços segregados e apropriação irregular do solo. Segundo Ribeiro (2010), a população de baixa renda passa a ocupar áreas urbanas menos valorizadas, como as encostas íngremes e várzeas, na qual se caracterizam como áreas de riscos. Segundo o autor, as moradias ao serem construídas nesses espaços estão suscetíveis aos deslizamentos de terra e desmoronamentos de barrancos e casas provocados pelo encharcamento do solo através das águas pluviais e pela erosão, acarretando perdas materiais e até humanas.

Segundo Dagnino e Carpi Junior (2007) risco é um termo indicado para se referir a probabilidade de que um evento, esperado ou não esperado, se torne realidade. Assim, a ideia de que algo pode vir a ocorrer, já configura um risco, podendo ser ele danoso ou nocivo. A discussão sobre riscos ambientais é de extrema importância, pois este fenômeno afeta diretamente nas condições de vida da população. É necessário que ocorram reflexões e



debates entre a população e o poder público para que medidas sejam tomadas, onde possam impedir que possíveis catástrofes venham a acontecer.

OCUPAÇÃO IRREGULAR DO LOTEAMENTO SANTO ANTÔNIO, NA CIDADE DE NAZARÉ/BA.

No rápido processo de crescimento urbano, entre a ordem e o caos, surgem áreas que são impróprias como locais de residência, seja pelas suas características físico-espaciais, como também pelos aspectos socioambientais. Com isso, sem a qualidade necessária, muitas vezes, tais locais constituem-se em áreas de “riscos ambientais” ou de potencialização de riscos a curto e médio prazos, conforme destaca Ferreira (2001, p. 16).

Em diálogos com moradores do Loteamento Santo Antônio, verificou-se que a ocupação do local é recente. A forma como ocorreu à ocupação da área foi mediante a compra de terrenos e de apropriações irregulares. Observou-se que as casas construídas no loteamento são de uma estrutura consideravelmente boa e os preços médios de venda dos terrenos estão na faixa de 15.000 reais. A renda dos moradores variam de baixa à média e este valor se torna aceitável diante da necessidade de ter a casa própria. Desse modo, o meio natural foi sendo modificado, onde somado á uma ausência de infraestrutura de qualidade e de um planejamento urbano adequado, potencializaram as situações de riscos.

Nas observações e entrevistas que foram feitas no Loteamento Santo Antônio, uma das situações de risco identificada pela pesquisa, diz respeito ao sistema de distribuição de energia, a COELBA, que está situada próxima ao local e, por conta disso, alguns postes de alta tensão se encontram bem perto das casas, em um terreno de declividade, suscetível a deslizamento e desmoronamento.

Por conta da proximidade das casas com as redes de alta tensão, os moradores reivindicaram a retirada dos postes, porém a COELBA argumentou que não seria possível tirá-los, pois os postes já estavam localizados ali bem antes das construções de casas e a obra de retirada e reestruturação custaria mais de 100.000 reais. Esta situação retrata bem o



exemplo de implantação de loteamentos, sem o acompanhamento dos órgãos públicos, acabando por serem irregulares instalados em locais inadequados. Uma placa foi posta no local informando para os moradores que quando fossem construir consultassem a COELBA, sobre a altura máxima permitida, para não vir a apresentar problemas futuros.

Nos diálogos realizados com os moradores do bairro, foi questionado sobre o conhecimento do risco de morar embaixo de uma rede de energia de alta tensão, na qual podem ocorrer acidentes. Alguns disseram que tem convicção do risco, porém não possuem outra saída a não ser permanecer no local. Alguns moradores, não se preocupam com essa questão, apenas responderam que priorizam a tranquilidade do local. Vale ressaltar que, muitas casas apresentam instalações elétricas incorretas e inapropriadas, os famosos “gatos” (Figura 1).

Figura 1: Exemplo das instalações elétricas no Loteamento Santo Antônio



Fonte: Pesquisa de campo, 2016

A situação do loteamento é caótica, há carência de saneamento básico, apresentando tubulações precárias, jogando o esgoto em córregos que muitas vezes correm pelas ruas do local. Além do mais, em períodos chuvosos, o problema se agrava mais, pois o esgoto se



mistura e se espalha com a água da chuva afetando o deslocamento dos moradores. De acordo com a figura 2, observa-se que o esgoto das residências está sendo despejados na rua o que possivelmente trará riscos ao meio ambiente.

Figura 2: Esgoto a céu aberto na entrada do loteamento



Fonte: Pesquisa de Campo, 2016

Por conta da urbanização desestruturada, a vegetação do local está parcialmente destruída, tornando o solo suscetível à erosão, contribuindo ainda mais para o problema referente ao deslizamento e/ou desmoronamento. Além do mais, a falta de calçamento e locais para escoamento de água torna o ambiente ainda mais vulnerável. Além disso, existem locais onde são despejados lixos domésticos e entulho, contribuindo para proliferação de doenças.

Por conta da questão observada, foi perguntado aos entrevistados se tinham presenciado e se algum residente do local sofreu com algum tipo de doença decorrente da falta de infraestrutura do local, como por exemplo, dengue e, leptospirose e infecções intestinais. A maioria afirmou que houve alguns problemas e que é recorrente no local.



Segundo dados do Ministério da Saúde, DATASUS, do período de 2007 a 2012, na cidade de, Nazaré houve um aumento de 40% de casos de dengue na cidade.

De acordo com a pesquisa de campo, uma senhora de 78 anos, residente no local, há nove anos, afirmou que adquiriu a casa através da compra do terreno, porém disse que alguns dos vizinhos “invadiram” os lotes dos lados. Afirmou que o local não tem nenhuma rede de esgoto, a luz é através de gato direto da rede de alta tensão e o acesso é ruim, pois quando chove “é lama pra todo lado”, e já presenciou ocorrências de dengue e zica nos moradores. Questionada sobre a preocupação por parte do poder público, em melhorar a condição de vida dos moradores, ela disse que sempre prometem, principalmente em tempo de eleição, mas nunca fazem nada, deixando-os na expectativa. A entrevistada afirma que não se sente segura morando no local e que está ali porque não tem jeito. Argumenta que se pudesse morava em outro lugar, sem dúvidas, pois ali é ruim pra conseguir chegar e perigoso ao está embaixo da rede.

Figura 3: Dificuldade no acesso às residências



Fonte: Pesquisa de Campo, 2016.



De acordo com a entrevistada, percebe-se que o local estudado apresenta vários tipos de riscos. A Figura 3 retrata de maneira clara o problema de acessibilidade enfatizado pela moradora. É preocupante a maneira como os idosos lidam com o problema, pois os riscos existentes prejudicam o modo de vida e impossibilitam a circulação dos moradores no local.

O outro morador entrevistado tem 69 anos, mora a quinze anos no bairro. Afirmou que escolheu o local para residir por motivos de saúde, pois na zona rural, que era sua antiga residência, era mais complicado para cuidar da saúde. Ele disse que gosta de residir no loteamento, pois é tranquilo, sem violência, afirmando que ali “é todo mundo família”. Porém, reclamou sobre alguns aspectos do lugar, salientando que o local é um pouco “difícil de viver”, pois os moradores estão ali esquecidos. Queixou-se do esgoto que é horrível e sempre ocorrem vazamentos em algumas tubulações precárias. Ele disse que não tem conhecimento da existência de projetos para melhoria de vida dos moradores. Também, foram entrevistadas três irmãs com 46 anos, 41 anos, e 35 anos. A senhora de 41 anos mora há 12 anos na comunidade, a de 46 mora há 10 anos e a de 36 anos mora há 3 anos. Afirmaram que escolheram o local para morar porque gostaram da tranquilidade do local. Uma das irmãs ressaltou que:

“Essa escadaria aqui dificulta tudo, não chega carro na porta, é muito difícil quando tem alguém doente e precisamos levar para o hospital. Sem falar nesse esgoto aí que fica na rua e essa fonte aqui que a prefeitura encanou, mas fica aí aberta.”

Durante esse diálogo, encontrou-se uma nascente a poucos metros da casa dessa moradora que antes era utilizada para uso doméstico, porém hoje já não é mais aproveitada, pois ela foi encanada e é direcionada ao mesmo destino dos dejetos das residências, (figuras 4 e 5).

Figura 4 e 5: Situação do local de moradia dos entrevistados





Fonte: Pesquisa de Campo, 2016.

Ao ser questionada sobre a condição do saneamento básico do local, a moradora de 46 anos disse que:

“O esgoto é a céu aberto, sempre prometem que vão ajeitar, mas nunca fazem nada. Colocaram manilhas em alguns lugares aqui, mas não sabemos pra onde vai esse esgoto, e ali embaixo tem uma caixa que fica aberta e tem dias que ninguém aguenta com esse fedor, mas não podemos fazer nada. Temos medo de nossas crianças pegar alguma doença por causa desse esgoto.”

Sobre a rede de alta tensão, nenhum dos moradores demonstrou medo ou desejo de saída da comunidade. “O pessoal da Coelba sempre vem aqui, mas aqui nem é tão perigoso, lá em cima é bem pior” (refere-se às casas que estão localizadas mais acima do morro), diz uma moradora da comunidade. Outro fator preocupante é com relação aos períodos chuvosos, pois a localização das casas não possibilita a tranquilidade da população. De



acordo com os moradores, quando chove é quase impossível o acesso às residências, pois a declividade do local associada com a falta de calçamento, a água da chuva e dos esgotos torna os acessos escorregadios e arriscados. As formas de relevo predominante em Nazaré são de morros arredondados, com declividades acentuadas e muitas vezes o desmatamento das vertentes que potencializam os deslizamentos de terras.

Além do mais, existe a predominância de Latossolos Vermelho-Amarelos. Este tipo de solo é bem profundo e está presente em áreas bem drenadas e chuvosas, o que torna um fator preocupante, pois a falta da cobertura vegetal e de raízes leva ao escoamento superficial da água, propiciando o desmoronamento de terras arrastando as casas construídas na área. Observa-se que na figura 9 o solo está susceptível a erosão por conta da proteção vegetal está parcialmente destruída.

Os acessos para chegar-se a algumas casas são bem precários, pois em dia de chuvas ocasiona lamas que impedem, de certa forma, a passagem dos moradores por conta da falta de calçamento. Além disso, algumas casas para ter acesso passam por vielas bem apertadas e alguns moradores reclamaram que em certos pontos no local o tráfego de carros e motos é impossível, pois, não alcança algumas ruas e isso se torna um problema, pois alguns residentes são idosos e tem dificuldade de locomoção.

A pesquisa revela que a falta de planejamento urbano e a falta de orientação dos gestores possibilitam a ocupação em locais irregulares, seminfraestrutura. Os movimentos migratórios colaboram para uma urbanização acelerada, em busca de melhores opções de emprego e de vida. A partir da vivência com os moradores do Loteamento, percebe-se que estes se arriscam em prol do sonho da casa própria, para isso não medem esforços, tornam-se susceptíveis a todos os tipos de mazelas e dificuldades. De acordo com Ribeiro (2010), a vulnerabilidade corresponde à capacidade dos moradores de um local prever e preparar-se para um desastre. Segundo o autor, isso depende de vários fatores, como a percepção do risco, a capacidade de prever o desastre e a adoção de medidas preventivas eficazes para coibir o problema, que pode ocorrer a qualquer instante.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados das pesquisas fizeram refletir sobre a ocorrência de acidentes e problemas ambientais em áreas urbanas que tem se intensificado através do processo acelerado de urbanização desestruturada. O Loteamento Santo Antônio, na cidade de Nazaré, abrange uma série de riscos ambientais à população residente, na qual demanda políticas urbanas para a melhoria das condições ambientais, criando possíveis soluções para o problema.

Durante o diálogo com a comunidade, foi possível observar que se trata de uma ocupação urbana recente, demonstrando que a cidade de Nazaré está em expansão e carece de gestão urbana eficiente. Os residentes do loteamento pagam o IPTU, mas não existem melhorias efetivas na infraestrutura do local.

A proposta resultante desta pesquisa refere-se à perspectiva de desenvolvimento urbano do loteamento, a partir da necessidade de aprofundar estudos sobre a urbanização de Nazaré e os principais riscos ambientais. A gestão urbana precisa se atentar à qualidade de vida dos munícipes e estabelecer um planejamento urbano adequado às demandas da população para que possíveis situações de riscos não comprometam a condição de vida dos moradores.

REFERÊNCIAS:

BAHIA. **Nazaré**. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/cidades/nazare/>>. Acesso em: 20 ago. 2018

BRASIL, Bbc. **ONU: Brasil terá 55 milhões vivendo em favelas até 2020**. 2006.

Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/06/060616_onu_habitat_novo_is.shtml>. Acesso em: 13 maio 2016.

BRASIL. Fernando Henrique Cardoso. Presidente da República. **LEI Nº 10.257, DE 10 DE JULHO DE 2001.**: Estatuto da Cidade. 2001. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm>. Acesso em: 12 out. 2016.

DAGNINO, Ricardo de Sampaio; CARPI JUNIOR, Salvador. **RISCO AMBIENTAL: CONCEITOS E APLICAÇÕES**. Rio Claro: Climatologia e Estudos da Paisagem, 2007.



EMBRAPA. **Solos do Nordeste**. Disponível em:

<<http://www.uep.cnps.embrapa.br/solos/index.php?link=ba>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

FEDERAL, Constituição. **Título VIII Da Ordem Social Capítulo VI Do Meio**

Ambiente: Art. 225. 1988. Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2015/art_225_.asp>.

Acesso em: 27 set. 2016

IBGE. **ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS XXI**

VOLUME. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_21.pdf>. Acesso em: 23 Ago. 2018.

JATOBÁ, S. U. S.; **URBANIZAÇÃO, MEIO AMBIENTE E VULNERABILIDADE SOCIAL**. Boletim Regional, Urbano e Ambiental (IPEA), Brasília, p. 141 - 148, 01 jul. 2011

MARANDOLA JUNIOR, E. J.; FERREIRA, Y. N.; **Riscos Ambientais e Custos de Urbanização – Pressupostos Teórico- Metodológicos**. Geografia, (Londrina), Londrina, v.10, n. 1, p. 15-26.

NOTÍCIAS, Nazaré. **História da Feira de Caxixis**. 2006. Disponível em:

<<http://www.flogao.com.br/nazarenoticias/blog/2238682>>. Acesso em: 13 out. 2016

RIBEIRO, Wagner Costa. **RISCOS E VULNERABILIDADE URBANA NO**

BRASIL. 2010. REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES

Universidad de Barcelona. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-65.htm>>. Acesso em: 27 set. 2015.

SANTOS, Maria. G. C.; Santos, Miguel Cerqueira dos. **Riscos Ambientais e Juventude no Recôncavo Baiano**. In: Sandro dos Santos Correia, André Luiz Dantas Estevam, Elba Medeiros Punski dos Santos [Orgs.], **Reconcânvo: Trajetórias Dinâmicas Territoriais** - Salvador: Assembleia Legislativa, 2015, p. 15-45, 2015.

SANTOS, M. C.; GOES, D. V. **Urbanização e riscos ambientais no Recôncavo Baiano**. Territorium (Coimbra), v. 11, p. 15-20, 2004.

SANTOS, M. C. **Urbanização e riscos ambientais na cidade de Salvador**. In: II Congresso Internacional de Riscos, 2010, Coimbra. Riscos: associação portuguesa de riscos, prevenção e segurança. Lousã-Portugal: Associação portuguesa de riscos, 2010

SILVA, I. R. C. **A cadeia produtiva da farinha de mandioca (Manihotesculenta Crantz) do Vale da Copioba-BA: Atores Sociais, Tecnologias e a Segurança do Alimento**.

Dissertação de mestrado acadêmico. Programa de Pós-graduação em Ciência de Alimentos (PGALI): 2014

VEYRET, Yvette; MESCHINET DE RICHEMOND, Nancy. **ORisco, osRiscos**. In:

VEYRET, Y. (Org.) Os Riscos – o Homem como agressor e vítima do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2007.



ZORZO, Francisco Antônio. **Ferrovias e Rede Urbana da Bahia: Doze Cidades Conectadas pela Ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930)**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.